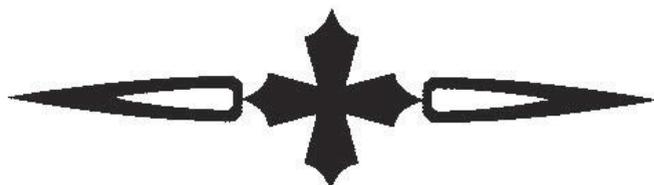


GORDON THOMAS

OS JUDEUS DO PAPA



O PLANO SECRETO DO VATICANO
QUE SALVOU MILHARES DE JUDEUS
NO HOLOCAUSTO

Tradução
Artur Lopes Cardoso

|||||
casadasletras

Para Edith

Parceira plena em todos os aspetos.

*A sua inteligência, determinação e elevados padrões
melhoraram, de tantas maneiras, este livro.*

ÍNDICE

<i>Investigadores</i>	11
<i>Personagens Principais</i>	13
<i>Reflexões Prévias</i>	19
PARTE I – O Poder e a Glória	23
1 Uma Maneira de Morrer	25
2 O Papa Pio XII e os Judeus	47
3 Os Decifradores de Códigos	64
4 Decisão na Piazza Venezia	82
PARTE II – A Tempestade Que Se Aproxima	103
5 Olhos Que Choraram	105
6 Nada Sagrado	119
7 Pio XII Vai à Guerra	139
8 Os Demandantes de Asilo	160

ÍNDICE

PARTE III – Assistindo e Aguardando	175
9 O Plano Secreto de Hitler	177
10 A Corrida ao Ouro	194
11 O Carrasco	211
PARTE IV – Heróis Magníficos	227
12 Preparativos Finais	229
13 A Rusga	243
14 O Sábado Negro	261
15 Antes do Amanhecer	280
PARTE V – Libertação	295
16 Viver com Deus e o Diabo	297
17 Consequências	315
<i>Epílogo: Conflito</i>	337
<i>Fontes</i>	347
<i>Bibliografia Seleccionada</i>	351
<i>Índice Onomástico</i>	355

INVESTIGADORES

COORDENADORA DA INVESTIGAÇÃO

Edith Maria Thomas.

INVESTIGADORES

Gueto de Roma

Tina Cappelini.

Professor Marco Cavallarin. Escritor e historiador.

Miriam Hayun. Diretora do Centro Cultural Judaico.

Dr. Ricardo Pacifici. Presidente da comunidade judaica.

Dr. Ricardo Di Segni. Rabi principal de Roma.

Simoneta Sacerdoti. Sobrinha do Dr. Sacerdoti.

Luciana Tedesco. Escritora, prima do Dr. Vittorio Sacerdoti.

Nando Tagliacozzo. Escritor e conferencista.

Vaticano

Irmã Margherita Marchione. Escritora e arquivista de imagens.

Padre David-Maria Jaeger. Secretaria de Estado.

Israel

Meir Ben-Naftali.

Gilah Bronstein.

INVESTIGADORES

Alex Doran. Jornal *Ma'ariv*.

Rachel Ginsberg. Editora associada, revista *Mispacha*.

Miro Muscati.

Itzhak Raz Rathaus.

Flora Shrit.

Einat Yaakov.

Reino Unido

Sophie Brackenbury.

Emanuelle Degli Esposti.

Greg Lewis.

Cesare Sacerdoti.

Estados Unidos

William Doino.

PESQUISA FOTOGRÁFICA

Peter Durling.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Os postos e cargos são aqueles que detinham em 1943.

Vaticano

Papa Pio XII. Nascido em Roma como Eugenio Pacelli. Quando os alemães ocuparam Roma, realizou uma reunião secreta no Vaticano para planejar o modo de salvar os judeus da cidade e prisioneiros de guerra aliados.

Monsenhor Patrick Carroll-Abbing. Padre irlandês que usou a sua ambulância para salvar judeus.

Monsenhor Angelo Dell'Acqua. Agente de ligação com as organizações humanitárias.

Monsenhor Borgongini Duca. Enviado da Santa Sé em Itália.

Monsenhor Marcel Hérisse. Cônego da Basílica de São Pedro.

Bispo Alois Hudal. Reitor do colégio pangermânico, em Roma, para a formação de padres alemães. Membro antigo do Partido Nazi e informador dos serviços secretos alemães. Depois da guerra: conseguiu que importantes criminosos de guerra nazis fugissem para a América Latina.

Monsenhor Ludwig Kaas. Tinha a seu cargo a Basílica de São Pedro.

Monsenhor Robert Leiber. O secretário particular do Papa.

Irmã Mary Saint Luke. Freira americana que trabalhava no Gabinete de Informação do Vaticano. Mantinha um diário.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Cardeal Luigi Maglione. O secretário de Estado da Santa Sé e chefe do seu serviço diplomático em todo o mundo.

Monsenhor Giovanni Battista Montini. Subsecretário para os Assuntos Ordinários e futuro Papa Paulo VI.

Monsenhor Alfredo Ottaviani. Chefe do Santo Ofício.

Padre Pankratius Pfeiffer. Elemento de ligação pessoal do Papa com o alto-comando alemão.

Monsenhor Angelo Giuseppe Roncalli. Núncio papal na Turquia (mais tarde, Papa João XXIII).

Coronel Pfyffer d'Altishofen. Comandante da Guarda Suíça.

Irmã Pasqualina. Confidente e governanta do Papa. Mantinha um diário.

Padre Nassalli Rocca. Elemento de ligação entre o Papa e a prisão de Regina Coeli.

Giovanni Stefanori. Mordomo do Papa.

Monsenhor Dominico Tardini. Assistente do secretário de Estado.

Conde Giuseppe Dalla Torre. Diretor de *L'Osservatore Romano*.

Padre Anton Weber. Chefe dos Padres Palotinos em Roma.

Bispo Ivi Zeiger. Reitor do colégio alemão.

A Comunidade Judaica

Dante Almansi. Assistente de Ugo Foa.

Lazzaro Anticoli. Mecânico de automóveis.

Emma Anticoli. Sua mulher.

Fernando Astrologo. Membro de uma das famílias mais antigas do gueto.

Vittorio Astrologo. Joalheiro.

Giuseppe Battino. Auxiliar do vendedor ambulante Mose Spizzichino.

Aselmo Colombo. Contabilista.

Ugo Foa. Presidente da Comunidade Judaica de Roma.

Elena Sonnino Finz. Professora na escola do gueto.

Serafino Pace. Alfaiate do gueto.

Italia Pace. Mulher de Serafino Pace.

Aldo Pace. Filho de Serafino Pace.

Graziano Perugia. Talhante *kosher*.

Angelo di Porto. Empregado de comércio.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Mose Spizzichino. Vendedor ambulante.

Grazia Spizzichino. A sua mulher.

Settimia Spizzichino. A filha de ambos – a única mulher sobrevivente da rusga dos nazis.

Rosina Sorani. Secretária de Foa na sinagoga do gueto. Mantinha um diário.

Settimio Sorani. Irmão de Rosina e administrador principal da DELASEM.

Umberto di Veroli. O chefe dos comerciantes do gueto.

Maria Moscati/Alberto Limentani. Casaram na sinagoga do gueto pouco antes da ocupação.

Luciana Tedesco. Jovem prima do Dr. Sacerdoti que sobreviveu à luta diária pela vida durante a ocupação.

Arminio Wachsberger. Relojoeiro.

Israel Zolli. Rabi principal de Roma.

***O Fatebenefratelli* – o hospital judaico na ilha do Tibre**

Professor Giovanni Borromeo. Diretor católico do hospital.

Rosa Fiano. Trabalhou como auxiliar de enfermagem depois de ter sido escolhida para se esconder no hospital.

Tereza Marino. Célebre professora de hebraico que se tornou auxiliar de enfermagem enquanto esteve refugiada no hospital.

Yole Marino. Uma auxiliar de enfermagem que mais tarde casou com o rabi principal de Roma depois de este ter ido para a Palestina.

Dr. Vittorio Emanuele Sacerdoti. Um jovem médico do hospital do gueto.

OS MEMBROS DAS ORGANIZAÇÕES HUMANITÁRIAS

Conde de Salis. O representante da Cruz Vermelha em Roma.

Renzo Levi. Industrial judeu e presidente da DELASEM, uma organização humanitária judaica.

OS DIPLOMATAS

Barão Diego von Bergen. Embaixador alemão junto da Santa Sé e decano do corpo diplomático. Substituído em 1943 devido às suas opiniões antinazis.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

- François Charles-Roux. Embaixador francês junto da Santa Sé. Estratega brilhante para conseguir eleger o Papa Pio XII.
- Conde Galeazzo Ciano. Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Mussolini.
- Cordell Hull. Secretário de Estado dos Estados Unidos.
- Albrecht von Kessel. Primeiro-secretário da embaixada alemã junto da Santa Sé.
- Sir Percy Loraine. Embaixador britânico em Itália.
- Sir Francis D'Arcy Osborne. Ministro britânico junto da Santa Sé.
- Myron Taylor. Enviado pessoal do Presidente Roosevelt junto do Papa.
- Harold H. Tittmann. Encarregado de Negócios dos Estados Unidos na Santa Sé.
- Barão Ernst von Weizsäcker. Embaixador alemão junto da Santa Sé. Substituiu Von Bergen, mas partilhava secretamente as suas opiniões.
- Edward Wood, Lorde Halifax. Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico.

OS DISSEMINADORES DE BOATOS

- Monsenhor Enrico Pucci. Dirigia uma agência noticiosa especializada em assuntos do Vaticano. Trabalhava para os serviços secretos alemães.
- Virgilio Scattolini. Jornalista, dramaturgo, romancista e mulherengo, que se tornou o mais ousado e bem-sucedido fabricante de informações sobre o Vaticano. O seu principal cliente era o *Abwehr*, os serviços secretos alemães.

OS FASCISTAS

- Pietro Caruso. Chefe da Polícia de Roma. Julgado e executado por crimes de guerra.
- Carlo Scorza. Secretário nacional do Partido Fascista.
- Guido Buffarini Guidi. Ministro do Interior. Descrito por Mussolini como «o homem mais odiado de Itália – ainda mais do que eu».

PERSONAGENS PRINCIPAIS

OS OCUPANTES ALEMÃES

SS Hauptsturmführer Theodor Dannecker. Perito na «Questão Judaica».

SS Sturmbannführer Eugen Dollmann. Representante especial do *Reichsführer* Himmler.

Obersturmbannführer Herbert Kappler. Chefe da Gestapo em Roma.
Marechal de campo Albert Kesselring. Comandante Supremo em Itália.

General Kurt Mälzer. Sucessor de Stahel.

General Rainer Stahel. Comandante de Roma.

General das Waffen-SS Karl Friedrich Wolff. Comandante Supremo de todas as forças SS em Itália.

A RESISTÊNCIA

Ivanoe Bonomi. Chefe do conselho militar.

Rosario Bentivegna. Estudante de medicina que comandou o ataque na Via Rasella.

Carla Capponi. Tornou-se uma combatente procurada pelos alemães.

Giulio Cortini. Fabricante de bombas.

Laura Cortini. Fabricante de bombas.

Giuseppe Morosini. Perito em explosivos.

OS ESPIÕES

Almirante Wilhelm Canaris. Chefe do *Abwehr*, o serviço de informações alemão.

Claude Dansey. Director adjunto do MI6.

Sefton Delmer. Jornalista que se tornou espião do MI6. Frustrou uma conspiração para raptar o Papa.

Hans von Dohnanyi. Membro fundamental do plano para envolver Pio XII numa conspiração para derrubar Hitler.

Stewart Menzies. Director-geral do MI6.

Josef Mueller. Advogado alemão que se tornou espião do *Abwehr* e conspirou para derrubar Hitler.

Coronel Hans Oster. Agente do *Abwehr*. Envolvido na conspiração contra Hitler.

Tony Simonds. Chefe da secção «N» do MI9.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

QUADRILHAS DE CRIMINOSOS

Pietro Koch. Chefe da *Banda Koch*. Tal como os Panteras Negras, foi recrutado pela Gestapo para dar caça aos judeus.

Giovanni Mezzaroma. Chefe da *Banda Pantera Nero*, os Panteras Negras.

Celeste di Porto. Judia. Membro dos Panteras Negras e amante de Mezzaroma.

A REDE SECRETA

Padre John Clafferty. Nome de código: «Eyerish».

Sam Derry. Major do exército britânico.

John May. Mordomo do embaixador D'Arcy Osborne. Nome de código: «Fixer».

Monsenhor O'Flaherty. Membro do Santo Ofício nascido na Irlanda. Nome de código: «Golf».

Padre Robert Pace. Nome de código: «Whitebows».

Padre Thomas Ryan. Nome de código: «Rinso».

Padre Owen Sneddon. Nome de código: «Horace».

Padre Vincent Treacy. Nome de código: «Fanny».

Padre Tom Tuomey. Nome de código: «Sailor».

Padre Sean Quinlan. Nome de código: «Kerry».

A NOBREZA PALATINA

Princesa Nina Pallavicini. Uma viúva que se opunha a Mussolini.

Princesa Enza Pignatelli Aragona Cortes. Amiga próxima do Papa Pio XII.

Princesa Virginia Agnelli. Membro da dinastia Fiat.

Marquesa Fulvia Ripa di Meana. Usou os seus contactos no Vaticano para ajudar judeus.

Príncipe Filippo Doria Pamphilj. Firme antifascista e antinazi.

Princesa Orietta Emily Mary Doria Pamphilj. Filha do príncipe Filippo.

REFLEXÕES PRÉVIAS

Ao longo da história, nenhum crime chocou tão profundamente a humanidade como o Holocausto perpetrado por Hitler na Segunda Guerra Mundial. Mais de seis milhões de pessoas – maioritária, mas não exclusivamente, judeus – foram assassinadas e inúmeras mais transportam até hoje as cicatrizes do seu sofrimento. O horror infligido levou a que se afirmasse que não há novas dimensões a explorar deste genocídio sem precedentes. A verdade é muito diferente. O antissemitismo continua a ser o mais odioso dos flagelos, uma prova de que pouco mudou em relação ao que Hitler escreveu, numa carta de 1919, a um camarada que estivera ao serviço com ele, nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

«O antissemitismo de base puramente emocional encontrará a sua expressão final sob a forma de *pogroms*. No entanto, o antissemitismo racional deve conduzir a uma restrição e erradicação, por meios legais e cuidadosamente planeada, dos privilégios dos judeus, embora o seu objetivo final e inalterável deva ser, pura e simplesmente, a eliminação dos judeus.»

Numa entrevista de 1922, concedida a Josef Hell para o *Institute für Zeitgeschichte*, Hitler foi mais específico.

«Se alguma vez estiver no poder, a destruição dos judeus será a minha primeira tarefa e a mais importante. Mal detenha o poder, mandarei erguer forcas atrás de forcas, por exemplo, em Munique,

na Marienplatz – tantas quantas o trânsito permitir. Então, os judeus serão enforcados uns atrás dos outros e ficarão pendurados enquanto for higienicamente possível. Mal sejam retirados, seguir-se-á o próximo grupo e continuará a ser assim até ter sido exterminado o último judeu de Munique. O mesmo processo será seguido exatamente noutras cidades até a Alemanha ficar limpa do último judeu.»

Estas palavras têm feito parte de uma campanha contra o chefe da Igreja Católica Romana durante a Segunda Guerra Mundial, o Papa Pio XII. É acusado de não ter condenado Hitler pelo fanatismo e ódio racial com que o *Führer* governava a Alemanha, porque o pontífice temia um inimigo ainda maior da Igreja: o comunismo soviético.

Esse medo, afirmam os seus críticos, era alimentado pelo seu próprio antissemitismo. Reduziram esta acusação odiosa a algumas perguntas: Que fez Pio XII, nos anos mais sombrios da Segunda Guerra Mundial para pôr termo aos horrores cometidos contra os judeus? Por que razão não excomungou Hitler e todos os nazis da Igreja, o maior castigo que poderia ter infligido? Porque é que nunca proferiu a palavra «judeus» nos discursos feitos durante a guerra? Seria que todos aqueles anos passados antes da guerra como núncio, um embaixador do Vaticano, na Alemanha tinham feito dele um simpatizante nazi? Essas perguntas alimentaram calúnias e preconceitos que nenhum outro Papa enfrentou. Esta torrente de acusações encontra-se, atualmente, no cerne da oposição a que Pio XII seja declarado santo da Igreja Católica. Os seus críticos insistiram em que o seu silêncio em relação à Solução Final, durante a guerra, o excluía da beatificação.

E, assim, a verdade é deturpada e enterrada em falsidades, deixando distorcido o registo histórico.

Factos foram postos de lado, a pesquisa em fontes primárias foi descartada e os argumentos em prol da necessidade de uma interpretação equilibrada foram ignorados. Pio XII tornara-se mais uma vítima da verdade.

Quando estava a fazer pesquisa para o meu último livro, *Operation Exodus*, que trata de um aspeto do Holocausto, encontrei uma carta

escrita em 1943 por Chaim Weizmann, que viria a ser o primeiro Presidente de Israel. Agradecia «o apoio que a Santa Sé estava a dar, facultando a sua ajuda poderosa, sempre que pode, para mitigar o destino dos meus correligionários».

Três anos antes de Weizmann ter apresentado os seus agradecimentos, Albert Einstein dissera à revista *Time*, na sua edição de Natal de 1940, que «só a Igreja cortou firmemente a marcha da campanha de Hitler para suprimir a verdade. Nunca sentira antes qualquer interesse especial pela Igreja, mas agora sinto um grande afeto e admiração porque só ela teve a coragem e a persistência de defender a verdade intelectual e a liberdade moral».

De vez em quando, chegavam-me opiniões semelhantes sobre Pio XII. Monsenhor John Magee, que foi o secretário particular de língua inglesa do Papa João Paulo, passou um jantar comigo a dissecar aquilo a que chamava «as vis calúnias contra Pio XII». O padre Lambert Greenan, um acerbo padre dominicano irlandês, espiolhou os seus arquivos de *L'Osservatore Romano*, onde era um dos editores, para encontrar provas da condenação, por Pio XII, da *Kristallnacht*, (A Noite de Cristal), em 1938, e do seu tempo como núncio na Alemanha.

Dos quarenta e quatro discursos que fez como núncio, quarenta condenavam aspetos da ideologia nazi emergente. Em 1935, escreveu uma carta aberta ao bispo de Colónia descrevendo «Hitler como um falso profeta de Lúcifer». Dois anos depois, na Notre-Dame, em Paris, afirmou que a Alemanha estava a extraviar-se em direção a «uma ideologia de raça». Hitler ordenou que a imprensa nazi o classificasse como «um amante de judeus no Vaticano».

Comecei a realizar uma pesquisa mais pormenorizada que incluiu procurar novas testemunhas de um momento terrível do século XX. A sua história é uma história de medo, de uma experiência que ainda as traumatiza. Muitas não falaram antes e, no entanto, dedicaram o seu tempo a recordar uma história que cobre um período alures entre a história recente e a recordação evanescente. Para além de todos os instrumentos de pesquisa habituais de qualquer investigação

REFLEXÕES PRÉVIAS

séria – registos oficiais, memorandos, uma grande variedade de material publicado e particular, diários, cartas, registos e relatórios – a fonte principal, tal como aconteceu nos meus livros anteriores, foram as pessoas. Muitas das testemunhas oculares que são apresentadas neste livro não tinham sido entrevistadas antes e amiúde achavam que agora podiam falar, finalmente, porque decorrera um intervalo conveniente. Por vezes, não pode haver uma explicação simples para a maneira como as pessoas se comportam. Mas uma certeza é que a sua verdade é a da recordação honesta.

Também se tornou claro que a melhor forma de contar a história era centrarmo-nos na relação entre o Vaticano e os seus vizinhos, os judeus do gueto de Roma. Em todas as discussões que grassaram sobre o papel do Papa Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial, foi dado pouco espaço às pessoas que viviam ao longo das margens do rio Tibre. No entanto, elas não só representam os seis milhões de vítimas do Holocausto como também simbolizam os seus sobreviventes.

Este livro é, em última instância, a história dos habitantes do gueto de Roma, mas também a daqueles que estiveram refugiados com eles, os soldados aliados que tinham fugido dos campos de prisioneiros de guerra italianos, daqueles que os ajudaram, e do Papa Pio XII e dos seus padres e freiras do Vaticano. O seu microcosmo é o de um tempo cruel e injusto.

Embora o tom seja, é claro, o meu, dado que a voz de um escritor não é intercambiável, tentei permanecer fiel a vozes que esperaram muito para serem ouvidas.